



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

10 e 11 de novembro de 2018

Notícias do Dia Esporte "Garrafão mané"

Garrafão mané / Novo Basquete Floripa / NBF / Basquete / FCB / Federação
Catarinense de Basketball / Paula Coan/ UFSC

Esporte

Garrafão mané

NOTÍCIAS DO DIA FLORIANÓPOLIS.
SÁBADO E DOMINGO, 10 E 11 DE NOVEMBRO DE 2018 .19

Editor: **DIOGO MAÇANEIRO** esportes@noticiasdodia.com.br

Novo Basquete Floripa está na segunda edição com atletas amadores no masculino e feminino

DIOGO DE SOUZA
diogo.rodrigues@noticiasdodia.com.br

Pelo puro prazer de fomentar o esporte e a paixão pelo basquete. Esse foi o cerne do embrião que deu origem ao NBF (Novo Basquete Floripa), um torneio da modalidade que tem na sua veia principal o amadorismo. A competição está no seu segundo ano e tem uma pretensão de trazer um novo conceito para oportunizar o esporte entre fãs, praticantes e curiosos; e ir além das quatro linhas.

Chancelado pela FCB (Federação Catarinense de Basketball) por meio da LMB (Liga Metropolitana de Basketball), Carlo André Scopel, 44 anos, juntamente com dois amigos, Lucas Justi de Menezes e Rafael Hahne, tiraram do papel o torneio. O amadorismo, apesar de sugerir-se pejorativo, é a alma do campeonato cuja regra básica é a competição sadia.

"É aquela regra que você vai competir porque precisa da competição para melhorar sua vida porque o ser humano precisa da competição. Mas isso aí não justifica e não pode acabar com o jogo, com a amizade", explicou Carlo André, que é cientista da competição e pós-graduado em psicologia e, claro, mentor e organizador do torneio.

Esse caráter amador – que não quer dizer que não seja sério – também pode ser constatado na silhueta dos atletas. Entre os homens os jogadores precisam ter mais de 35 anos. Há um porém que possibilita a presença de quatro atletas com mais de 30, contudo, somente dois podem atuar concomitantemente.

"Eu acho fantástico porque a gente reúne amigos, pessoas que se conhecem há 20, 30 anos e talvez até mais. Mas mais que isso, manter o basquete vivo em Florianópolis, o que não é fácil. Nos sentimos privilegiados por poder ajudar o basquete. Estamos por diversão, mas também temos consciência do quão sério é o projeto", ressaltou Gustavo Bossle, 38 anos, jornalista, componente de uma das dez equipes participantes da edição 2018 do Torneio NBF.

Entre as mulheres, não há restrição de idade, o que há é uma luta para que, também pelo esporte, aconteça e seja fomentada a igualdade de gêneros. "Além de ser uma atividade que promove um estilo de vida mais saudável, encontramos meninas de antigamente. Mas o feminino sempre é deixado de lado. São poucas as mulheres que praticam e, às vezes, as próprias organizações não dão a vez. Agora estamos mostrando que viemos em condição de ficar", pontuou Elisa Pauli, 41 anos, professora de educação física, componente de uma das quatro equipes femininas. ●



Representante das equipes, além do organizador Carlo André e o árbitro Hélinho (sentado à esq.)



Elisa (à esq.) e Paula Coan, adversárias na quadra, mas parceiras no projeto

“São poucas as mulheres que praticam e, às vezes, as próprias organizações não dão a vez. Agora estamos mostrando que viemos em condição de ficar”.

Elisa Pauli, atleta e professora de educação física

Projeto de expansão e de ir além das quadras

■ No segundo ano de existência o campeonato já ganhou mais corpo. Ainda sob o comando de Carlo, porém, com uma nova parceria, o Torneio NBF veio com um slogan que dá essa ideia: "Não é só mais um jogo".

O formato da competição, que acontece aos sábados e domingos, no ginásio da Associação Clube 12 de Agosto, em Coqueiros, que prevê mais que a bola na cesta. A intenção é da inclusão e promoção de atrações entre as partidas. O modelo, guardado a devida proporção, se espelha na NBA.

"Temos atrações entre os jogos, tem um pessoal da fanfarra, interação com o público mediante premiação, tem coral, acontece uma camerata, uma atração artística", acrescentou Carlo.

A parceira de 2018 atende pelo nome de André Calil, que tem uma produtora de eventos e trabalha, entre outros lugares, no Green Valley e a intenção é estender a competição para o bado-lado Norte da Ilha.

"Queremos festas. Queremos um evento maior. Queremos levar lá para o Norte da Ilha a premiação, faremos um camarote. São ideias meio utópicas, mas queremos implantar", acrescentou Carlo.

"Eu já fui atleta de basquete profissional e, ser convidado para participar, foi sensacional. É uma ideia e não é fácil. Mas temos boa vontade. Enfim, estamos proporcionando uma possibilidade de quem gosta praticar o basquete. Estamos em crescimento", previu André Calil.

FOTOS MARCO SANTACOMINI

Notícias do Dia Caderno Inspira "As boas ervas marinhas"

As boas ervas marinhas / Algas / Chef / Roberto Festa Araújo / Oficina / Segredos da Culinária da Longevidade / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Professor / Neti / Núcleo de Estudos da Terceira Idade

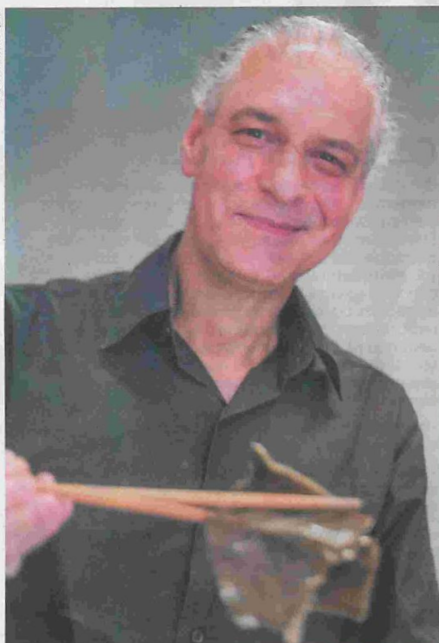
10/11 NOTÍCIAS DO DIA FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 10 E 11/11/2018

As boas ervas marinhas

ALGAS SÃO O SEGREDO JAPONÊS PARA A SAÚDE.
CONTA CHEFE QUE TRABALHOU EM TÓQUIO



MARCO SANTILGOND



Roberto Festa Araújo diz que os japoneses consideram as algas superalimentos.

ALINE TORRES Especial para o Notícias do Dia

Para mostrar que a culinária japonesa é muito mais que uma barca de sushis, o chef Roberto Festa Araújo ministrou a oficina "Segredos da Culinária da Longevidade" na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Festa Araújo trabalhou durante 23 anos em Tóquio, no Japão, como chef executivo e consultor de restaurantes. Também escreveu receitas durante quase uma década para a revista japonesa da editora Nippaku Yui. Neste ano, virou professor do curso de História e Cultura Japonesa, através da Culinária e Gastronomia, pelo NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) da UFSC.

As oficinas foram divididas em duas aulas de três horas cada. Quinze pessoas acompanharam os ensinamentos do cozinheiro, que se debruçou sobre os princípios filosóficos que norteiam a culinária e a vida nipônica, conhecidos como "o poder dos cinco", o "ikigai", e os benefícios de incorporar algas na dieta - foco das discussões.

A palavra algas deriva do latim "ervas marinhas". São plantas utilizadas há milênios na culinária oriental pelos benefícios terapêuticos, mas vistas com pouca frequência na mesa dos brasileiros, apesar de serem facilmente encontradas em supermercados, lojas de produtos naturais e especializadas.

As algas são extremamente nutritivas, ricas em fibras, clorofila, polissacarídeos, minerais como bromo, magnésio, sódio, cálcio, ferro, manganês, fósforo, enxofre, selênio, estanho, rubídio, germânio, lítio, boro, zinco, berílio, titânio e cripton. Vitaminas A, B1, B2, B3, B6, B12, C, D, D2, E, F, K, PP e ômega 3 e 14 aminoácidos: cistina, valina, ácido glutâmico, tirosina, metionina, leucina, serina, lisina, isoleucina, ácido aspártico, arginina, treonina, histidina e fenilalanina.

Na oficina, Festa Araújo utilizou as algas de duas formas. Dobrou e cortou a alga Nori, para comer com saladas (ou puras), e hidratou, por aproximadamente 30 minutos, as algas Kombu e Wakame.

As algas amolecidas podem ser servidas em sopas, caldos, saladas e no que mais a criatividade permitir. A água que as banhou, riquíssima em nutrientes, podem ser utilizadas para cozinhar alguns pratos ou para o Dashi, o famoso caldo japonês, que nesse caso exige o katsuobushi (um temperinho com lascas do peixe Bonito curado e seco).

O palestrante não tem formação na área da saúde, para embasar suas informações apresentou uma série de pesquisas universitárias sobre as algas e falou sobre a sabedoria popular, do cotidiano japonês, que as considera superalimentos, capazes de trazer qualidade de vida, saúde e quem sabe até a esperança de longevidade dos centenários de Okinawa, consumidores vorazes das ervas marinhas.

VINTE BENEFÍCIOS DAS ALGAS

- 1.Reduz risco de câncer (graças à ação do fucoidan)
- 2.Auxilia o aumento do sistema imune, protegendo contra doenças infecciosas (graças à ação do iodo e das vitaminas).
- 3.Regula o metabolismo;
- 4.Limpa e desintoxica o organismo, e o sangue (por conta da ação das vitaminas, sais minerais e aminoácidos);
5. Melhora as funções

- 6.Melhora a saúde do coração;
- 7.Protegem o estômago de males como gastrite e úlcera gástrica (ação do magnésio e das fibras);
- 8.Mineralizante do organismo (ação do cálcio, fósforo, magnésio, sódio, potássio, cromo, níquel, cobre, zinco, ferro, iodo, cobalto, manganês, selênio);

- 9.Regula a menstruação (com suas vitaminas K e sais minerais);
- 10.Tem ações tranquilizantes (por conta das vitaminas e dos sais minerais);
- 11.Melhora a saúde da pele e dos cabelos (graças ao colágeno);
- 12.Regula a tireoide (graças ao iodo)
13. Ajuda a emagrecer (são ricas em fibras)

- 14.Aumenta os níveis de resistência e energia
- 15.Ajuda no controle glicêmico
- 16.Fortalece os ossos (tem quantidades elevadas de cálcio)
- 17.Ajuda a regular PH do corpo (são ricas em alcalinos)
18. Hidrata o organismo
19. Reduz dores da endometriose
20. Ação anti-inflamatória

ALGAS COMESTÍVEIS FÁCEIS DE ENCONTRAR

NORI: é aquela alga preta e crocante que enrola sushis e temakis.

KELP: tem a coloração um pouco mais clara que a Nori. Geralmente é encontrada em formato de flocos. Pode ser comida como chips, ou hidratada. São usadas para tratar problemas respiratórios ou urinários.

HIDKI: possui um sabor mais intenso.

KOMBU: também é bastante comum. Pode ser colocada no feijão, grão de bico ou na lentilha, pois ajuda na digestão e combate os gases estomacais.

ÁGAR-ÁGAR: a famosa alga vermelha, muito utilizada para a produção de balas e gelatinas.

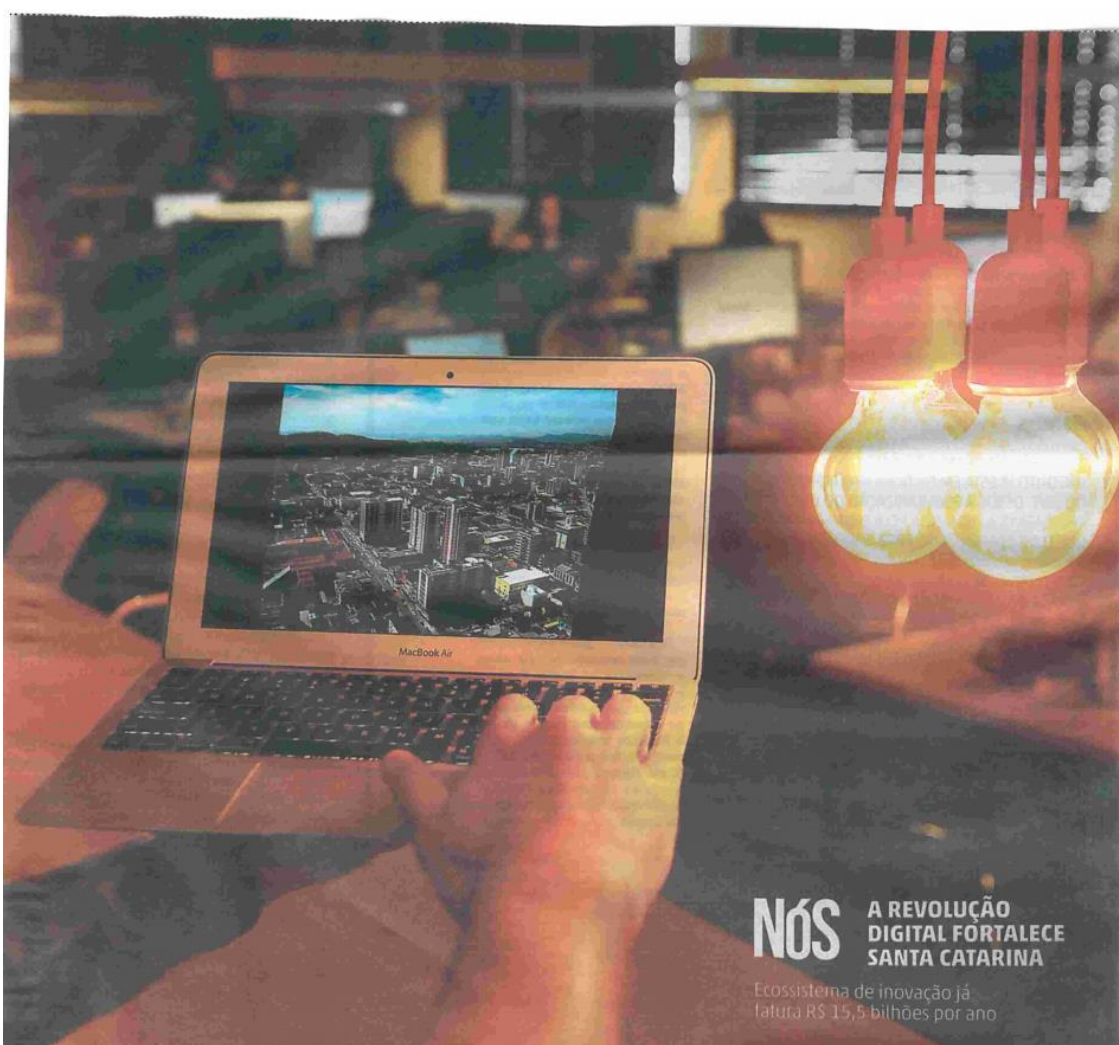
WAKAME: tem sabor mais adocicado, é utilizada tanto em sopas quanto em saladas.

Diário Catarinense (Contracapa) e A Notícia (Capa) Caderno Nós

“Uma nova matriz econômica para SC”

Uma nova matriz econômica para SC / Revolução digital / Economia / Acate / Fiesc / Inovação / Santa Catarina / Tecnologia / Startups / Indústria 4.0 / Internet das coisas / Comunicação cognitiva / Big Data / Nuvem / Brasil / Empreendedorismo / Expansão / Competitividade / Incubadoras / Universidade Federal de Santa Catarina / Joinville / Ágora / Perini / UFSC / Sapiens Parque / Celta / Florianópolis / CIT / IDH / Índice de Desenvolvimento Humano / Senai

Diário Catarinense



SUPEREDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

nsc

AN

O PAPEL DE
JOINVILLE NA
**NOVA
ECONOMIA**

NOSSO VALE DO
SILÍCIO

Como a criação de um parque tecnológico inédito no Estado, que une empresas, universidade, poder público e comunidade pode inspirar a consolidação de um ecossistema de inovação em Santa Catarina

Caderno Nós

NÓS

NOSSO VALE DO

SILÍCIO

O MUNDO VIVE uma revolução digital. Santa Catarina trabalha para fortalecer o ecossistema de inovação e transformar o setor de tecnologia, que já fatura R\$ 15,5 bilhões por ano, na nova matriz econômica do Estado e em referência para o Brasil

UMA NOVA MATRIZ ECONÔMICA PARA SC

Daniel Leipnitz,
presidente da Acate
(à esq.), e Mario
Cezar de Aguiar,
presidente da Fiesc:
objetivo é formar
um ciclo virtuoso
em torno da
inovação em SC

CRISTIANO ESTRELA



MARCOS CAMPOS

LUAN MARTENDAL
luan.martendal@somosnsc.com.br

Uma janela se abre para o futuro de Santa Catarina. O setor de tecnologia, que cresceu quase 10.000% nas últimas três décadas e já representa 5,6% da economia catarinense (movimentando R\$ 15,5 bilhões em faturamento e empregando mais de 47 mil pessoas), traça uma trajetória progressiva que busca transformar a matriz econômica do Estado. O plano é fortalecer o ecossistema de inovação existente e alçar as empresas de tecnologia ao pelotão de frente da sexta maior economia do País a médio e longo prazo.

Mais que uma reinvenção necessária diante das mudanças intangíveis da chamada “quarta revolução industrial” – que conecta tecnologias digitais, físicas e biológicas –, a intenção do setor é ampliar o reconhecimento do Estado como um local inovador. A ideia é valer-se da cooperação e unir os diversos polos catarinenses para que Santa Catarina se torne para o Brasil uma inspiração como o Vale do

Silício é para o mundo.

A pretensão não é copiar o modelo da “meca da inovação” mundial, que reúne na Califórnia, nos Estados Unidos, gigantes tecnológicos como Uber, Facebook, Google e Apple, mas trocar experiências. Ideias que conduzam a economia estadual para o mesmo referencial que fez despontar os exemplos americano e de Israel, outra referência global. Em linhas gerais, formar o “Nosso Vale do Silício”.

Essa avaliação é partilhada pelos expoentes em tecnologia no Estado, entre eles, Daniel Leipnitz, presidente da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate), que representa a maior fatia do setor “tech” em Santa Catarina. A entidade é uma das principais defensoras e articuladoras da convergência dos projetos espalhados no Estado. O objetivo é formar um ciclo virtuoso em torno da inovação.

— Temos conhecido diversos ecossistemas mundo afora e devemos continuar a buscá-los e absorver de cada um o que eles têm de bom para montar um modelo próprio e promissor para Santa Catarina. Possuímos uma

Nos últimos 30 anos, o número de empresas de tecnologia no Estado passou de 129 para 12,3 mil. O setor já representa 5,6% da economia catarinense e movimenta R\$ 15,5 bilhões. O plano é continuar crescendo para se tornar referência no País

força associativista única e estamos trabalhando nessa união de competências por entender que vamos ter marca e respaldo muito maiores perante outros Estados e países — justifica ele.

A ambição da associação é que esse mesmo propósito aproxime a hélice tripla da inovação, formada por governos, empresas e universidades, bem como fortalecer uma quarta espiral, as pessoas. Além disso, o apoio de instituições como a Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc), Fundação Certi – Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras, Endeavor e Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) – é considerado essencial para imprimir uma economia liderada pela tecnologia e a inovação em Santa Catarina.

— Visamos ser a maior economia catarinense e acreditamos que isso será possível num futuro próximo. Por dois motivos: primeiro, o crescimento orgânico de novas empresas dentro do próprio setor; segundo, pela transformação de indústrias tradicionais em indústrias de tecnologia — analisa Daniel.

O crescimento do setor da tecnologia vem impulsionado, principalmente, pelo boom das startups

“

NOSSO FOCO NOS ÚLTIMOS ANOS TEM SIDO NO INTUITO DE TRABALHAR A MENTALIDADE DAS PESSOAS PARA A INOVAÇÃO E NO CONVENCIMENTO DE DEIXAR OS LOCALISMOS DE LADO E CONSTRUIR UMA PROPOSTA JUNTOS EM TORNO DO ECOSISTEMA TECNOLÓGICO. ACREDITAMOS QUE, COM ISSO, NÓS VAMOS SER MAIS FORTES. PRECISAMOS DIZER “EU SOU DO ESTADO DE SANTA CATARINA”. O NOSSO CONCORRENTE NÃO ESTÁ EM OUTRA CIDADE, NOSSO CONCORRENTE É GLOBAL. ENTÃO, ESSA UNIÃO FAZ TODA A DIFERENÇA.

DANIEL LEIPNITZ,
presidente da Acate

PROJEÇÃO COM AS STARTUPS

Esse crescimento do setor da tecnologia vem impulsionado, principalmente, pelo boom das startups, criação de incentivos como o Sinapse da Inovação e o desenvolvimento de iniciativas voltadas a novas tecnologias nas seis mesorregiões catarinenses: Grande Florianópolis, Vale do Itajaí, Norte, Sul, Serra e Oeste. Calcula-se que, atualmente, mais de R\$ 280 milhões em fundos de investimento transitem no Estado, e a meta da própria Acate é que o fomento chegue a R\$ 1 bilhão em até cinco anos para o desenvolvimento desses setores.

É PRECISO VENCER OS DESAFIOS PARA PROSPERAR

Afinal, o que falta para termos o “Nosso Vale”? A aposta das lideranças locais está em manter a evolução constante no setor mirando a vocação empreendedora dos catarinenses para a “disrupção”, ou seja, desafiando o *status quo* atual. São exigências naturais frente aos velhos modelos de negócios e diante das novas tecnologias advindas da internet, que envolve conceitos até então desconhecidos como nuvem, big data, indústria 4.0, comunicação cognitiva e internet das coisas.

Outro desafio é capacitar e for-

mar novos talentos e reciclar os profissionais que já estão no mercado em conformidade com a reformulação exigida na indústria, nos serviços e demais setores econômicos – que hoje enfrentam escassez de talentos principalmente em funções antes inexistentes. Especialistas destacam ainda que faz-se necessário aumentar os investimentos aplicados à tecnologia, intensificar as parcerias público-privadas e aumentar o elo com as unidades de ensino.

Também é visto como fundamental ter ambiente de estímulo ao surgimento de ideias empreendedoras e novos negócios, além do envolvimento efetivo de cada uma das “hélices da inovação” (poder público, iniciativa privada, academia e sociedade) para que haja êxito ao que se espera alcançar nas próximas décadas.

— A inovação é um dos pilares do nosso planejamento estratégico e eu só vejo inovação quando se faz a união dessas quatro forças. Estamos no caminho do equilíbrio e vai ser este o nosso diferencial. Sempre fomos um Estado protagonista e temos indústrias de base tecnológica se desenvolvendo e em ascensão, então novamente SC vai ser um exemplo para o Brasil — observa Mario Cezar de Aguiar, presidente da Fiesc.

CRISTIANO ESTRELA

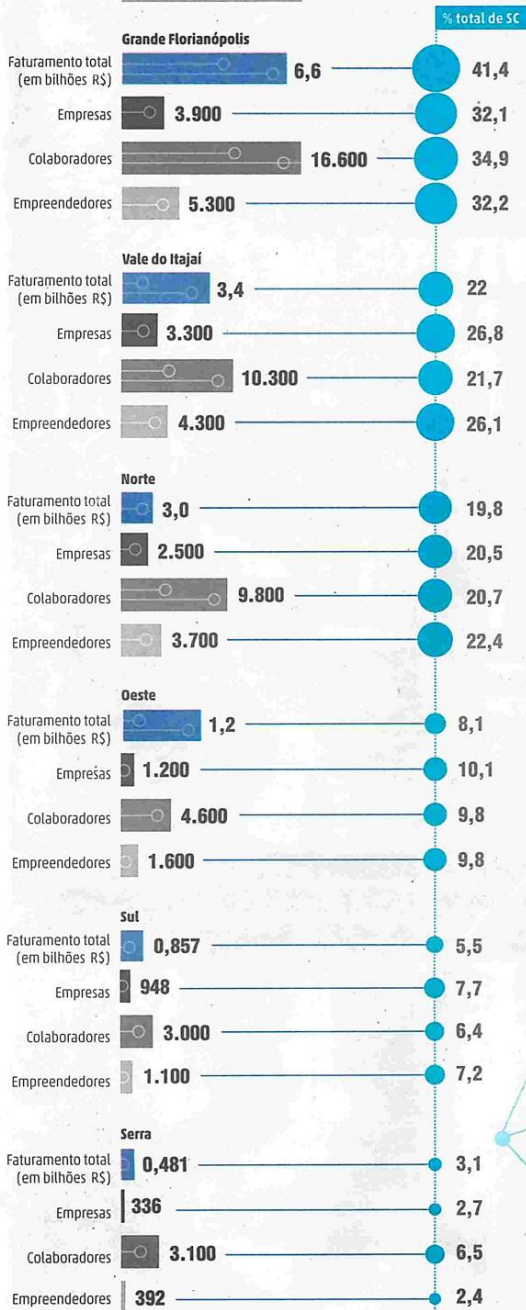
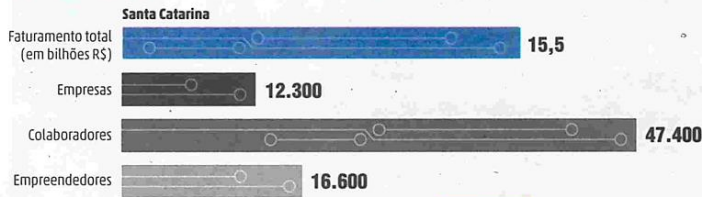
SAUHO DUARTE

SAUHO DUARTE

SAUHO DUARTE



NÚMEROS DO SETOR TECNOLÓGICO DE SANTA CATARINA



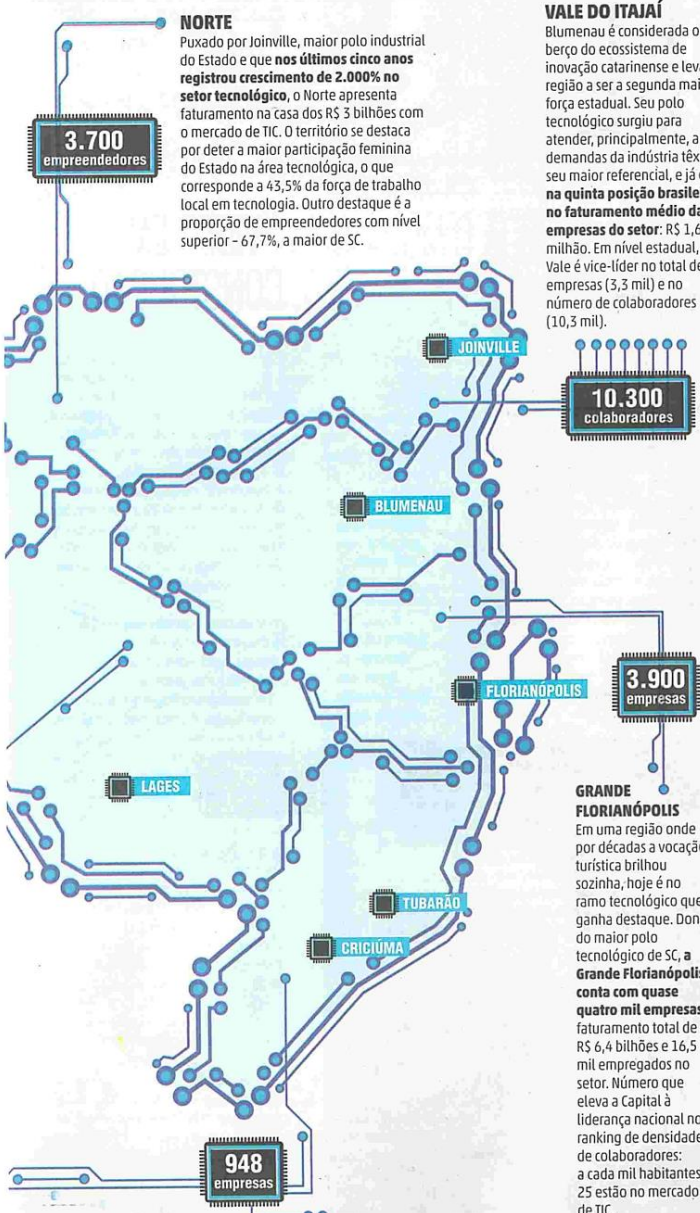
A FORÇA DAS REGIÕES

Veja os destaques do ecossistema tecnológico de SC



SANTA CATARINA

Sexto Estado mais rico do País (PIB de R\$ 249 bilhões), é reconhecido por sua economia diversificada, guiada pelos setores produtivos da agropecuária (6%), da indústria (28,7%) e dos serviços (65,3%) – este que, recortado o valor bruto, traz a tecnologia como destaque na riqueza estadual: o setor representa 5,6% do poder econômico catarinense e movimentou R\$ 15,5 bilhões. Uma curva ascendente clara, que entre 2015 e 2017 elevou em 3,42% o número de empresas de tecnologia, impulsionado principalmente pela Serra e o Oeste, que tiveram aumento de 10,44% e 4,75% na quantidade de empresas, respectivamente. Realidade que faz de Santa Catarina o terceiro maior do Brasil em densidade de colaboradores e o quarto em faturamento médio das empresas.



Fonte: Observatório Acate - panorama 2018

VALE DO ITAJAÍ

Blumenau é considerada o berço do ecossistema de inovação catarinense e leva a região a ser a segunda maior força estadual. Seu polo tecnológico surgiu para atender, principalmente, a demandas da indústria têxtil, seu maior referencial, e já está na quinta posição brasileira no faturamento médio das empresas do setor: R\$ 1,68 milhão. Em nível estadual, o Vale é vice-líder no total de empresas (3,3 mil) e no número de colaboradores (10,3 mil).



GRANDE FLORIANÓPOLIS
Em uma região onde por décadas a vocação turística brilhou sozinha, hoje é no ramo tecnológico que ganha destaque. Dona do maior polo tecnológico de SC, a Grande Florianópolis conta com quase quatro mil empresas, faturamento total de R\$ 6,4 bilhões e 16,5 mil empregados no setor. Número que eleva a Capital à liderança nacional no ranking de densidade de colaboradores: a cada mil habitantes, 25 estão no mercado de TIC.

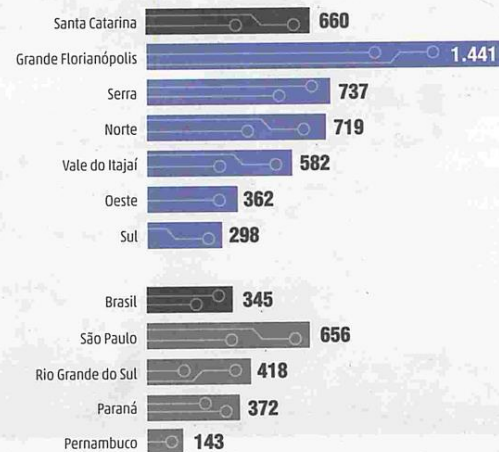
DENSIDADE DE EMPRESAS DE TECNOLOGIA (por 100 mil hab)



DENSIDADE DE EMPREENDEDORES (por 100 mil hab)



DENSIDADE DE COLABORADORES (por 100 mil hab)



A REINVENÇÃO DE JOINVILLE

A criação de um modelo inédito no Estado, que é ter um parque tecnológico que uma empresa, universidade, poder público e comunidade num mesmo lugar, deve servir de exemplo para outras cidades e consolidar o ecossistema local de inovação. A inspiração, o município foi buscar nos grandes centros

Joinville herdou em seu DNA a veia empreendedora trazida pelo povo germânico às terras catarinas, e essa vocação a tornou a mais industrial das cidades catarinenses e detentora do terceiro maior polo econômico do Sul do Brasil. São essas conquistas que, diante do horizonte que se desenha, legitimam Joinville mais uma vez a mostrar sua força em um momento de transição. Estalo que pode servir como catalisador para que Santa Catarina fortaleça seu ecossistema de inovação.

O entendimento do governo municipal é de que a atual matriz econômica está com prazo de validade já em contagem regressiva, de cerca de 20 anos. Hoje, a indústria responde por R\$ 74 bilhões dos R\$ 25,6 bilhões que formam o produto interno bruto (PIB) de Joinville, indicando que a economia local precisa mudar de "chave". A percepção é notória, segundo o secretário de

Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável, Danilo Conti.

— Temos uma indústria tradicional, que é competitiva, que continua se desenvolvendo e crescendo bem, mas estudos atestam que daqui a pouco isso se estabiliza, entra em decadência e vai forçar a cidade a se reinventar. Estamos nos antecipando, e o desafio é desenvolver uma matriz econômica não para substituir quem está no mercado, mas para ampliar a competitividade e dar condições de renovação para a economia local — salienta ele.

O caminho escolhido veio por meio de uma análise de tendências, vocação e potencial que mostrou as áreas nas quais Joinville deve investir: internet industrial, tecnologia da informação e comunicação (TIC), biotecnologia, desenvolvimento de novos materiais e logística. Foi essa visão que ajudou a traçar o plano da Joinville do amanhã, o de virar a maior referência de *smart city* da

América Latina.

Um plano ousado iniciado há três anos e que tem como marco alcançar o posto de principal cidade inteligente e humana da região até 2040. O projeto se baseia na ligação de tecnologia avançada com mecanismos de gestão urbana, que, por meio do armazenamento e leitura inteligente de dados cria uma ação que pode se reverter na melhoria da qualidade de vida da população e fazer de Joinville uma propulsora de tecnologia de ponta no Estado.

— Não dou muito tempo para que Joinville tenha esse protagonismo, porque temos recursos determinantes, como capital de risco e mercado. O poder público já vem trabalhando para colocar todo mundo numa mesma direção, porque as iniciativas nas suas individualidades precisam enxergar a mesma cidade lá na frente, porque aí vai haver um ponto de confluência e então a cidade se transforma — conclui.

“VIBE” EM CONSTRUÇÃO

O ponto de partida para este novo ciclo foi dado com a proximidade da cidade com a internet industrial e a consciência de que era necessário fomentar o ecossistema de inovação local. E a mudança de *vibe* começou a aparecer com o crescimento de eventos como ExpoInovação, Meetups, Startup Weekend e Hack Town. Além disso, a cidade passou a interagir de forma mais intensa com incubadoras. Um exemplo é a Softville, que reoxigenou o perfil das empresas lá existentes e acelera, capacita e orienta uma nova geração de empreendedores joinvilenses.

Os espaços compartilhados e os *coworkings*, características desse novo modelo, também são evidenciados. A cidade tem exemplos como o Flipperama, que mantém um espaço colaborativo com cerca de 30 empresas instaladas, e o Carbon Coworking, com cerca de 120 pessoas ocupando juntas um ambiente com dois mil metros quadrados, em 21 empresas e em projetos paralelos.

O momento é reforçado pelo desenvolvimento de *hubs* de inovação e ideias como o Inova-parq – Parque de Inovação Tecnológica de Joinville, gerenciado pela Universidade da Região de Joinville (Univille) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e o JoinValle, que, a exemplo do Vale do Silício, nasceu como iniciativa pública e se tornou uma organização sem fins lucrativos com o propósito de unir todos os atores do ecossistema rumo a uma inovação sustentável e durável.

O caminho escolhido por Joinville veio por meio de uma análise de tendências, vocação e potencial que mostrou as áreas nas quais a cidade deve investir



SALMO DUARTE



O FUTURO CHEGOU COM O ÁGORA

É no Perini Business Park, o maior condomínio multissetorial da América Latina (responsável por 2% do PIB do Estado), que está sendo erguida a prova física do viés econômico traçado para a Joinville do futuro. Seguindo o conceito de cidade inteligente e humana, nasce o Ágora Tech Park – o Parque Tecnológico de Joinville, que tem como desafio se tornar para a cidade e para Santa Catarina o que o Cubo Itaú é para São Paulo e para o País. Com o diferencial inovador e estratégico de ter uma universidade federal a poucos metros de distância.

Iniciada em agosto, a obra dará lugar ao parque joinvilense e contempla investimento de R\$ 180 milhões e tem previsão de inauguração para 28 de março de 2019, data que promete coroar um novo elo entre empreendedores, investidores, empresas e universidades. A proposta visa, ainda, ser o “plano-piloto de novas tecnologias que possam melhorar o convívio das pessoas na cidade e gerar mais em-

pregos e riqueza” à região.

Com curadoria do Join.Valle, o endereço do parque joinvilense no Distrito Industrial conta com um espaço de 140 mil metros quadrados de área e cerca de 70 mil m² de construção. O projeto vai contemplar o prédio principal, que está no início das obras, além da nova sede da ContaAzul – empresa-âncora do parque – e o campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), empreendimentos prontos.

Conforme o engenheiro Emerson Edel, da Perville Engenharia, responsável pela obra, o Ágora vai abrigar já a partir do ano que vem uma série de ações compartilhadas como incubadora, aceleradora, *co-working*, eventos, desenvolvimento de pesquisas e startups. O objetivo é que haja aproveitamento tanto da sociedade quanto de estudantes e as cerca de 160 empresas do Perini.

— Queremos um parque aberto, sem muros, que fomenta a inovação e o empreendedorismo — diz Edel.

De acordo com Marcelo Hack,

presidente do Perini, a construção do centro tecnológico no condomínio efetiva uma ideia que surgiu há uma década, mas tornou-se viável só no ano passado. Isso foi possível porque a UFSC, peça-chave no projeto, decidiu instalar o campus no local e será atuante no Ágora. Jogou a favor também a aceitação do poder público, uma vez que a iniciativa é privada, mas aberta à comunidade.

O ideal do espaço colaborativo, mais do que incentivar o empreendedorismo e a reinvenção das empresas locais, busca ordenar o ecossistema de inovação em Joinville como nos moldes do Sapiens Parque e do Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias Avançadas (Celta), ambos de Florianópolis.

— Joinville é desenvolvida no segmento de inovação, porém, quando é visto o modelo de Florianópolis, é perceptível o quão produtiva é a ordenação do ecossistema. O nosso ecossistema está desordenado, e o Ágora se apresenta como catalisador — pontua Marcelo.

Emerson Edel e Marcelo Hack mostram o projeto que vai servir como espaço colaborativo e ajudar na reinvenção das empresas locais

Iniciada em agosto deste ano, a obra do Ágora Tech Park tem investimento de R\$ 180 milhões e deve ser inaugurada em 28 de março de 2019



SALMO DUARTE



ENI BARDELLI/OUTRAGE/AG

O MODELO DO CUBO EM SÃO PAULO

O Cubo é o maior *hub* de empreendedorismo tecnológico da América Latina e fica num espaço totalmente concebido para conectar empresas e gerar negócios. São cerca de 250 startups dividindo o mesmo ambiente e aproveitando as vantagens que isso proporciona. A principal delas é a colaboração. Afinal, o prédio de 14 andares é totalmente ocupado pelas mais inovadoras startups do país, empresas que surgem no modelo de experimentação, testando soluções que podem não dar certo, mas quando dão,

se transformam em negócios milionários.

Só neste ano, as empresas do Cubo geraram mais de R\$ 230 milhões em negócios. E startups de fora de São Paulo também ganharam a oportunidade de convergir com o Cubo por uma plataforma digital. A expectativa, agora, é por uma parceria com o parque tecnológico que será criado em Joinville.

— Vejo uma ótima oportunidade de conexão entre esses dois *hubs* de inovação — vislumbra Lineu Andrade, diretor do Itaú Unibanco responsável pelo Cubo.

INOVAÇÃO NA VIDA REAL

Blumenau e Joinville têm exemplos de projetos construídos com o uso da tecnologia que estão mudando a vida das pessoas

Quando se fala nos impactos diretos da tecnologia no mundo, logo se pensa nas funcionalidades dos smartphones e em modelos como o desenvolvimento dos mercados de transporte por aplicativo, streaming e hospedagem. Bons exemplos, é claro, mas que podem se tornar ainda mais significativos quando envolvem diretamente o dia a dia dos catarinenses.

Permita-se recordar o mês de novembro de 2008, há dez anos, quando Santa Catarina enfrentou uma enchente cujos dados ainda impressionam, com dois milhões de catarinenses atingidos e mais de 130 mortos. Símbolo da tragédia, Blumenau, no Vale do Itajaí, contabilizou sozinha 24 mortes, 2,1 mil casas destruídas e 25 mil desabrigados. Tendo como ponto de partida o combate às enchentes decorrentes do transbordo do Rio Itajaí-Açu, alunos e professores do Senai em parceria com a Defesa Civil de Blumenau iniciaram em março deste ano a criação de estratégias que reduzam os alagamentos e os impactos das cheias.

O objetivo é desenvolver um sistema inteligente, capaz de recolher os materiais que se acumulam na grades de contenção dos diques instalados nos ribeirões da cidade. A sujeira é retirada por uma estrutura automatizada, que reconhece o acúmulo de materiais e entra em ação sempre que o lixo aparece.

— Temos cinco diques (quatro em funcionamento), mas o acúmulo de entulho neles provoca a ineficiência do sistema de contenção e impede que a bomba trabalhe como deveria. Este projeto busca uma solução específica para a nos-

sa realidade e é de extrema importância no combate aos impactos da chuva — explica o fiscal de obras da Defesa Civil, Roberto Bueno.

De Joinville surge outro referencial. Por meio de um simulador que capta informações do trânsito em tempo real, a Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável (Sepud) traça novos caminhos para a mobilidade do município, evitando erros na “vida real” e buscando alterações precisas e científicas nos principais gargalos do trânsito. Uma das mudanças evidentes é apontada no trecho da rua Ottokar Doerffel, modificada em julho, com auxílio direto da tecnologia.

Com simulações feitas a partir de um *big data*, um sistema cruza informações de aplicativos de trânsito, de radares georreferenciados e imagens reais que mostram o melhor modelo de fluxo nas áreas críticas do trânsito. Tudo simulado eletronicamente.

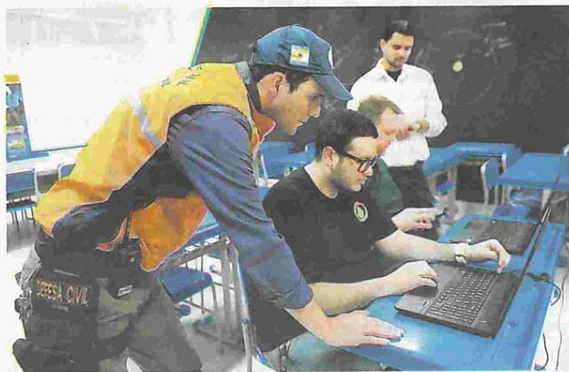
De acordo com o secretário Danilo Conti, no exemplo da Ottokar, um dos principais acessos da BR-101 a Joinville, os motoristas ganharam três dias e sete horas no ano fora do carro, considerando aquele trecho. São 18 minutos a menos por dia em um congestionamento. O resultado, na avaliação dele, reverte-se em melhoria na qualidade de vida e otimização dos recursos públicos. Foram gastos R\$ 267 mil na alteração, e o ganho de produtividade que se projeta é de R\$ 1,08 bilhão no ano.

— Acreditamos muito no conceito de cidade humana e inteligente, que nada mais é do que a inovação sendo um meio para as pessoas viverem melhor.

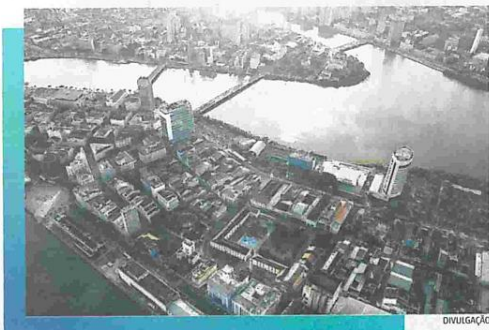


SALVO QUARE

Danilo Conti mostra como foi pensada a alteração da rua Ottokar Doerffel para melhorar a mobilidade em Joinville (acima). Senai e Defesa Civil de Blumenau mostram um sistema que está sendo desenvolvido para a contenção de cheias na cidade (ao lado)



SALVO QUARE



DIVULGAÇÃO

O MODELO DO PORTO DIGITAL EM RECIFE

De Recife, a capital de Pernambuco, vem um exemplo inspirador para o futuro que se quer para Santa Catarina: a capacidade de transformar a economia e a qualidade de vida local com a tecnologia. O polo pernambucano é um dos mais reconhecidos parques tecnológicos do Brasil e conta com cerca de 300 empresas concentradas na região do Marco Zero, que empregam milhares de

pessoas, faturam bilhões de reais todos os anos e ajudaram a mudar a realidade de um bairro inteiro.

Durante décadas, a região portuária do Recife antigo sofreu com o abandono e a criminalidade, mas nos últimos anos tudo ficou para trás. Os casarões centenários antes ocupados por traficantes e usuários de drogas ganharam um novo significado com a instalação do Porto Digital, que simboliza o

parque tecnológico da cidade.

Um caminho de sucesso trilhado há 17 anos, que começou com três empresas e deve fechar 2018 com faturamento de quase R\$ 2 bilhões. Tudo calcado no modelo da triplíce hélice, o mesmo que Santa Catarina está começando a seguir.

— É como se fosse uma reocupação do conhecimento — descreve Guilherme Calheiros, diretor de inovação e competitividade.

TECNOLOGIA TRANSFORMA SÃO BENTO DO SUL

O município de 80 mil habitantes criou uma incubadora que conta hoje com 32 empresas que geram, juntas, cerca de R\$ 30 milhões ao ano. É o primeiro passo para construção de um modelo de cidade inteligente e humana que os idealizadores desejam

Zilda e Rauni são exemplos de moradores que vivenciaram a mudança do bairro Centenário. Osvalmir, gerente da incubadora tecnológica instalada ali, comemora os resultados positivos para a comunidade

De cidadão são-bentense a cidadã "são-bentech". Parece utopia criar essa cultura em uma cidade em que o setor moveleiro até pouco tempo era o único a despontar, mas é esta a ideia que ganha corpo em São Bento do Sul. O município encontrou nas empresas voltadas à tecnologia o seu caminho para o futuro e já provou ser possível a transformação social por meio de um novo modelo econômico.

Essa tendência se expressa nos números: a incubadora tecnológica da cidade conta com 32 empresas, que geram mais de 200 empregos e faturam, juntas, cerca de R\$ 30 milhões ao ano. Fato que faz com que a cidade de pouco mais de 80 mil habitantes seja uma das evidências de que as médias e pequenas cidades catarinenses também estão comprometidas com o desenvolvimento dos polos tecnológicos no Estado.

Um olhar inovador que começou a se despertar em 2005 em meio à crise cambial que atingiu a indústria moveleira e resultou no fechamento de empresas e oportunidades na região. Foi nesse contexto que os investimentos na área de tecnologia se colocaram como alternativa para mudar o cenário local e gerar emprego e renda à população.

O objetivo foi posto em prática

por meio de uma iniciativa lançada na Associação Empresarial (Acisbs), então presidida por Osmar Muhlbauer, e se fortaleceu com a reativação da Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa (Fetep). A entidade criada em 1975 para atender a demandas específicas da indústria de pinus estava adormecida, mas ressurgiu com o propósito de agregar novas áreas e ajudar a tornar real as novas metas municipais.

— Não dá simplesmente para baixar um decreto e dizer que a partir de amanhã vai ser assim. Então, pensamos numa incubadora para aguçar as ideias inovadoras e esse espírito empreendedor voltado para empresas diferentes — explica Osmar, hoje liderança da Fetep.

Os idealizadores da mudança lançaram a Incubadora Tecnológica de São Bento do Sul (Itfetep), principal alicerce para a inserção da cidade no mapa do setor tecnológico de SC. Tudo isso gerou um ambiente colaborativo que vai além das empresas incubadas e engloba o Centro de Inovação Tecnológica (CIT) do governo estadual (a ser inaugurado em 2019) e quatro instituições de ensino superior.

— Para que toda essa transformação fosse consolidada, primeiro nós resgatamos a autoestima da comunidade. Conseguimos

unir o poder público, as universidades e as empresas, e um dos principais ganhos está sendo o de parar o "êxodo de cérebros", aqueles que se formam e vão embora — destaca Osvalmir Tschöcke, gerente da Itfetep.

O Parque Tecnológico de São Bento do Sul busca ser o agente indutor da nova vocação empreendedora do município no médio e longo prazos, que tem como meta ter o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) catarinense em até 20 anos — atualmente de 0,782 e 25º no Estado. Para isso, as lideranças locais consideram não só o potencial das startups, mas a participação da indústria tradicional em torno do Projeto A São Bento do Sul que Queremos em 2037, constituído sob o modelo de cidade inteligente e humana.

A "VILA DO CENTENÁRIO" QUE VIROU "VILA DO SILÍCIO"

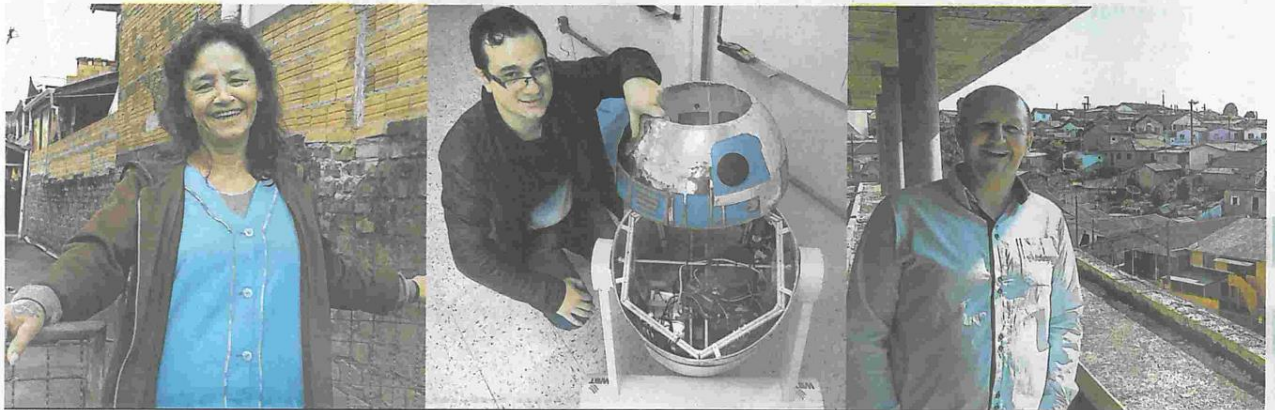
O principal exemplo foi construído em pouco mais de dez anos e possibilitou a revitalização de uma comunidade inteira em São Bento do Sul: a extinta "cracolândia" do bairro Centenário dá lugar ao exemplo positivo de reconstrução econômica e social, guiado pela implantação do Parque Tecnológico.

De vila pouco desenvolvida, o lugar passou por uma revitalização completa, e a reviravolta ajudou a melhorar a vida de pessoas como a da auxiliar de limpeza Zilda Leal Matins, 51, e seus filhos. Ela mora no Centenário há mais de 30 anos e acompanhou de perto a evolução do bairro desde a chegada da Itfetep.

— Era tudo mato. Naquele ponto onde é a Fetep, era um ponto de drogas. Era bem perigoso, e isso mudou bastante. Nós que moramos aqui sentimos a diferença. Antigamente, não se tinha essa liberdade de sair como hoje, e as pessoas de fora que agora vêm para cá, antes não vinham.

O índice de criminalidade reduziu e a sensação de segurança para os moradores dos bairros vizinhos aumentou, como confirma Rauni Nóbrega, 26 anos. Na adolescência, ele evitava passar pela região e agora frequenta diariamente a comunidade, onde desenvolve um protótipo de veículo autônomo no laboratório de automação e robótica da incubadora são-bentense.

— Existia um estigma sobre o Centenário. Eu tinha medo de passar a pé por aqui para estudar. Depois que esse parque tecnológico começou a ganhar forma, a buscar as pessoas daqui para capacitar e qualificar, o bairro mudou e o medo zerou.



FOTOS FETEP, DIVULGAÇÃO

CATARINENSES QUE SÃO REFERÊNCIAS NO BRASIL

No Estado não faltam exemplos de empresas que têm a inovação no seu DNA. Conheça cinco exemplos de companhias que simbolizam o espírito desta nova era

SOFTPLAN



CRISTIANO ESTRELA

O conceito de inovação não muda, o que se transforma é o jeito de inovar. A máxima "inove primeiro e depois tente vender" virou passado, dando lugar à provocação "comece pelo problema e depois foque na solução". A fórmula serve de ideal tanto para os novos empreendedores quanto para quem está no mundo dos negócios há décadas. Um pensamento diferenciado capaz de entrelaçar empresas de diferentes gerações quando há um mesmo propósito: "Que problema eu vou resolver?" É essa filosofia diferente de pensar a inovação

que expressa a cultura de uma das mais tradicionais companhias de tecnologia do Estado, desde a sua criação, há 27 anos. A Softplan, destaque no País no desenvolvimento de softwares de gestão empresarial e gestão pública, mudou sua sede em Florianópolis para o Sapiens Parque, em 2016. O objetivo da mudança foi o de compartilhar experiências e unir-se a negócios promissores. Na prática, as grandes vêm para somar.

De acordo com Moacir Marafon, um dos fundadores e diretor-executivo da companhia, a estratégia abriu uma oportunidade para que os cerca de 1,6 mil colaboradores se façam presentes e respirem o ecossistema local. A ideia rendeu frutos e atualmente a empresa mantém cerca de 25 iniciativas de inovação dentro da sede, incluindo as startups, representando ganho bilateral.

— Hoje, nós vivemos um contexto muito prazeroso, de sinergia entre as empresas estabelecidas e de segunda geração com as startups. É um verdadeiro ganha-ganha, porque enquanto as empresas tradicionais precisam de agilidade, que é típica das startups, elas também têm mais condições de investir e de levar essas iniciativas ao mercado. Já as startups trazem essa atitude da inovação, é o empreendedor que está com sangue nos olhos. Isso é uma soma dos DNAs positivos que, se bem combinados, vai resultar num ser que vai longe, que é o negócio que está sendo criado — considera Marafon.

SENIOR



SENIOR

Acreditar nas pessoas e nas boas ideias também é o motivador da Senior Sistemas S.A., uma das maiores empresas de tecnologia de Santa Catarina. A blumenauense de 30 anos nasceu como startup ao aproveitar uma oportunidade de mercado, quando criou um sistema de folha de pagamento para empresas. De lá para cá, novas soluções vieram, mas o core foi mantido no setor de RH, tornando-a responsável pelo processamento de seis milhões de folhas de pagamento (cerca de 15% de toda a folha do País).

No entanto, apesar da solidez, a empresa sabe que, para continuar competitiva, precisa manter o ritmo da inovação constante. Para isso, passou a investir fortemente em cinco frentes tecnológicas, afirma o diretor de novos negócios, Alencar Berwanger. São elas: nuvem, big data, IoT, comunicação cognitiva e inteligência artificial — sempre visando "brechas de mercado". Paralelamente, a companhia criou o Programa Corporate Ventures com a meta de investir em dez startups até 2022, além de já ter acelerado outras 16 nos últimos quatro anos e adquirido ao menos uma dezena de outras empresas. O retorno esperado dos investimentos é alto, crescer em três anos o que a companhia cresceu nos seus primeiros 30, passando a ter faturamento anual de R\$ 1 bilhão.

— Não é possível alcançar essa meta só com crescimento interno, é aí que nos conectamos com as startups. Isso já é uma inovação e nos coloca numa posição de destaque. O grande risco das empresas é se acomodar e não perceber que a mudança está vindo, porque ocorre tão rápido que quando surge você não tem tempo de reação. Por isso, a Senior investe nas startups, por entender que se a gente não estiver inserido nisso e não cuidar, tem startups comendo a nossa base de clientes e elas vão nos engolir. Não uma, mas várias que estão criando sistemas especialistas para resolver problemas pontuais — considera Berwanger.

POLLUX



SALMO DUARTE

Primeira brasileira a integrar o Consórcio de Internet Industrial (IIC) e líder na Associação Brasileira de Internet Industrial (ABII), a empresa de tecnologia joinvilense surgiu em 1996 e é uma das pioneiras na implantação da indústria 4.0 no País. Com atuação no ramo das soluções de manufatura avançada, robótica colaborativa e internet industrial, a Pollux implantou os primeiros sistemas de visão industriais e o negócio inédito de robô como serviço, atualmente com cem instalados no Brasil. Hoje, trabalha na implantação dos primeiros robôs móveis.

— Quando você reúne boas pessoas e a tecnologia certa, você cria um diferencial competitivo grande. Na época em que nós começamos, nada disso estava disponível no Brasil e tínhamos que importar tecnologias de fora e eu entendi que ali havia uma oportunidade e precisava fazer esse trabalho no Brasil. Foi assim que a Pollux se inseriu nessa transformação digital. Na verdade, ela faz a conversão da fábrica com TI. Esse é o desafio que está na mesa hoje e é o que a gente faz há 20 anos — define José Rizzo Hahn Filho, CEO da Pollux.

CONTA AZUL



SALMO DUARTE

É, talvez, o grande exemplo das novas empresas de tecnologia criadas nesta década, depois de inserir no mercado uma plataforma de gestão de negócio em nuvem dedicada a pequenas e médias empresas. Com o propósito de gerar resultados para além da companhia, a ContaAzul teve crescimento exponencial e passou de três para 400 funcionários em apenas seis anos, sendo reconhecida internacionalmente. Somente neste ano, a companhia recebeu aporte de pelo menos R\$ 100 milhões de um fundo de investimentos americano.

A trajetória de sucesso, segundo Vinicius Roveda, CEO da ContaAzul, passa por características comuns ao meio das startups, como redução de hierarquia, ambientes diferenciados e sonhos em comum na organização que possibilitam o crescimento mútuo dos funcionários e da empresa.

— O segredo são as pessoas, e as pessoas a gente consegue com um propósito muito nobre, que é impulsionar o sucesso das pequenas empresas, que geram a maior parte dos empregos e têm uma grande participação no PIB. Ajudar esse segmento significa ajudar o nosso País, e com isso a gente consegue atrair muita gente boa com esse mesmo propósito. Num mercado grande como o nosso, no qual existem mais de 20 milhões de empresas, a ContaAzul tem potencial de ser a maior empresa no mundo no segmento em que ela atua.

DATASUL E NEOGRID



SALMO DUARTE

Sediadas em Joinville, as duas têm em comum o fato de terem sido fundadas pelo visionário Miguel Abuhab, considerado o pioneiro na fundação de companhias inovadoras e na inserção de tecnologias disruptivas na realidade das empresas catarinenses. Criada há quatro décadas, a Datasul é precursora no desenvolvimento de softwares de gestão empresarial e, em 2008, foi incorporada à Totvs, dando origem a uma das maiores desenvolvedoras de sistemas de gestão integrada do mundo. Já a Neogrid, especialista em soluções de ponta a ponta para a cadeia de suprimentos, foi fundada em 1999 e tem cerca de 700 colaboradores, possuindo escritórios em São Paulo, Porto Alegre, Chicago, Amsterdã, Londres e Tóquio. Suas soluções operam, via internet, em mais de 140 países.

— De quando comecei para agora, a diferença é que a tecnologia estava apenas despontando e não atraía os interesses dos investidores, os investimentos eram muito em estrutura física e na máquina e menos na inteligência e no software. Neste ano, faz 40 anos desde a fundação da Datasul. Como conselho, eu digo aos novos empresários e aos jovens que acreditem na sua ideia e de fato empreendam. Porque se a ideia for boa e ele tiver energia e resiliência para vencer desafios, terá um apoio grande para torná-la possível.

COMO O ENSINO ACOMPANHA A VELOCIDADE DAS INOVAÇÕES

O ritmo acelerado com que a transformação digital está mudando a realidade de empresas, serviços e até da sociedade está exigindo atualização constante nos métodos de ensino das universidades e escolas de ensino profissionalizantes catarinenses. Embora a matriz curricular tradicional permaneça vigente nas instituições, elas estão buscando inserir conteúdos e formas de aprendizagem diferenciados. A intenção é contribuir para formar profissionais mais preparados às demandas atuais do mercado de trabalho.

Um dos exemplos é aplicado no Senai Norte de Joinville, nas turmas de desenvolvimento de sistemas. Não existe professor fixo, nem disciplina fixa. Além disso, os estudantes, do primeiro ao último ano, compartilham conhecimento num mesmo ambiente e trabalham juntos por projetos. O resultado é mais atratividade e índice de evasão praticamente zero.

Como uma escola sistêmica, neste novo modelo já aplicado no Senai os alunos aprendem por meio de trilhas de conhecimento que contém setores no qual estão inseridos os conteúdos de ensino — estes mediados por um professor.

— Percebemos com esses métodos uma evolução mais rápida do que no meio tradicional — diz o professor Sílvio Luis de Sousa.

As novas metodologias se apresentam como uma forma de extensão ao mercado de trabalho, uma vez que reúnem experiências como as das indústrias, que envolvem técnica, gestão, responsabilidade e projetos — muitos deles visando criar soluções diretas para problemas da indústria. Conforme

Marcos Hollerweger, diretor do Senai/Norte e Nordeste de Santa Catarina, esse alinhamento é importante, principalmente porque a faculdade forma os profissionais de acordo com o perfil que os empregadores precisam.

No campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Joinville, muitas das pesquisas aplicadas desenvolvidas nos 31 laboratórios são feitas em conexão com a indústria local. Na maior cidade do Estado, a instituição investe nos cursos de engenharia que convergem diretamente com áreas que demandam inovações constantes: aeroespacial, automotiva, de infraestrutura, transporte e logística, ferroviária e metroviária, mecatrônica e naval.

Entre os exemplos de projetos por parceria com a indústria está o desenvolvimento de protótipos de carros de corrida elétricos e pesquisas científicas para gerar mais eficiência de combustível para automóveis híbridos.

— A indústria entra com estrutura e apoio, e os alunos desenvolvem desde a fase conceitual até a execução de um veículo, por exemplo. É dentro desse processo que acontece a interação da universidade com a indústria. Se não fosse pela parceria com a iniciativa privada, um projeto complexo, de um veículo (elétrico) como o desenvolvido aqui, não sairia do papel — reflete o professor de engenharia Modesto Hurtado Ferrer.

Essa reformulação na relação entre academia e iniciativa privada também está exigindo que algumas disciplinas sejam repensadas e outras, criadas para acompanhar as novas tendências de mercado.

FOTOS SALMO DUARTE



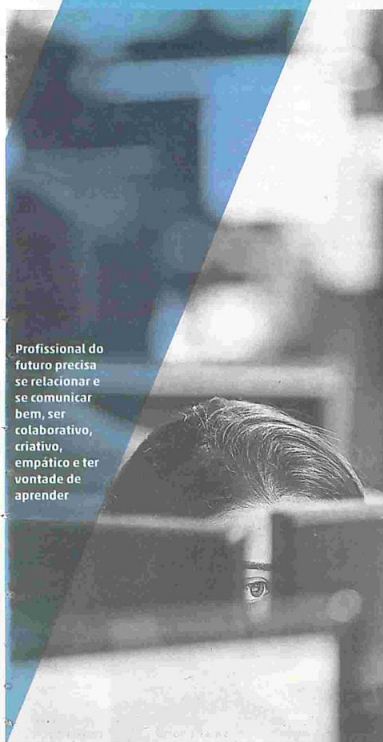
Na UFSC, muitas das pesquisas desenvolvidas nos 31 laboratórios são feitas em conexão com a indústria



No Senai, novas metodologias se apresentam como uma forma de extensão ao mercado de trabalho

OS IMPACTOS NO MERCADO DE TRABALHO

Robôs assumem tarefas e não empregos. Para não ser atropelado por este novo momento, o profissional precisa estar preparado



Profissional do futuro precisa se relacionar e se comunicar bem, ser colaborativo, criativo, empático e ter vontade de aprender

Um estudo feito neste ano pelo ManpowerGroup, líder global em soluções de recursos humanos, com 39 mil empregadores em 43 países, entre eles o Brasil, aponta que, diante das transformações tecnológicas, o mercado de trabalho enfrenta escassez de talentos. Quase metade (45%) dos entrevistados diz que não consegue encontrar nos candidatos as competências necessárias para as vagas disponíveis – o maior nível em doze anos.

Isso demonstra que estamos enfrentando uma “revolução das competências”, ao passo que algumas funções tradicionais estão desaparecendo e novas surgindo, gerando descompasso no preparo das pessoas de acordo com as habilidades técnicas e interpessoais exigidas no mercado. Nisso se desenha um perfil básico do profissional do futuro, que será cobrado por suas qualidades e capacidades de se relacionar, principalmente em relação a comunicação (verbal e escrita), colaboração, criatividade, empatia e vontade de aprender – as chamadas *soft skills*.

Essas atitudes são tidas como diferencial para o profissional, reduzindo o risco de substituição pela automatização. Mas para disputar este novo mercado que surge é preciso que o candidato desenvolva competências alinhadas ao novo modelo. Nessa transição de oportunidades e aptidões, existe possibilidade de hiato de vagas para quem estiver despreparado.

FUNÇÕES QUE OS EMPREGADORES PREVEEM PASSAR POR MAIOR AUMENTO E REDUÇÃO NOS PRÓXIMOS DOIS ANOS:



POTENCIALIDADES HUMANAS (SOFT SKILLS) EM DESTAQUE NA ERA DIGITAL



AS DEZ FUNÇÕES MAIS REQUISITADAS PELO MERCADO

- 1 Representante de vendas (B2B; B2C e central de atendimento)
- 2 Motorista (caminhão, entrega, construção e transporte coletivo)
- 3 Profissões de ofício (eletricistas, soldadores e mecânicos)
- 4 Técnicos (controladores de qualidade e equipe técnica)
- 5 Contabilidade e finanças (contadores certificados; auditores e analistas financeiros)
- 6 Profissionais da saúde (médicos, enfermeiros e outros)
- 7 TI (especialistas em segurança cibernética, administradores de rede e suporte técnico)
- 8 Suporte administrativo (assistentes, recepcionistas)
- 9 Indústria (produção e operadores de máquinas)
- 10 Engenheiros (químicos, elétricos civis e mecânicos)

COMO AS EMPRESAS PODEM SUPERAR A ESCASSEZ DE TALENTOS NO FUTURO

- FORMAR**
Investir em aprendizagem e desenvolvimento para aumentar seu banco de talentos
- PEGAR EMPRESTADO**
Desenvolver comunidades de talento fora da organização, incluindo trabalhadores de meio período, freelancer, por contrato e temporários para complementar habilidades existentes
- COMPRAR**
Ir ao mercado externo encontrar o melhor talento que não possa ser formado internamente no prazo exigido pela empresa
- MIGRAR**
Ajudar as pessoas a se movimentarem e galgarem novas funções dentro e fora da organização

Fonte: ManpowerGroup

MANPOWERGROUP DIVULGAÇÃO



A especialista em gestão de talentos Wilma Dal Col, diretora do ManpowerGroup, aponta como é o que esperar das futuras relações de trabalho entre empresas e profissionais com relação às habilidades que serão cobradas nessa era digital

“ERA HUMANA” ESTÁ EM EVIDÊNCIA

O mundo vivencia uma revolução das competências e do entendimento de como as pessoas podem aproveitar as novas tecnologias na vida, nos negócios e na carreira. O que isso nos diz?

Com todo esse avanço tecnológico, tarefas que eram atribuídas tão somente aos profissionais serão realizadas por inteligência artificial, por robôs ou por computadores. Então, nós percebemos que, mais do que nunca, nós estamos vivendo a “era humana”. Por quê? Porque tudo o que se refere à capacidade de relacionamento; à capacidade de análise de entender cenários; e de entender as necessidades das pessoas e do ambiente, todo esse aspecto que é ligado ao que a gente chama de “inteligência emocional” e capacidade de se relacionar, serão competências de destaque dentro dessa transição.

Como os profissionais que construíram carreira no modelo tradicional podem trabalhar suas competências e adequá-las ao mercado contemporâneo?

Não existe uma receita pronta, mas alguns indicadores poderiam ajudar esses profissionais. Sem abrir mão da especialização técnica, que é importante, ele pode buscar especialização e vivências por meio da participação em fóruns de discussão, inclusive de outras áreas, e que ele possa estar sensível também para desenvolver o aspecto mais relacional. Ele precisa estimular competências que estão mais ligadas à atitude e a todo o aspecto da capacidade de análise de cenário, tendo uma atuação não apenas técnica, mas também consultiva, de acordo com o conhecimento que ele tem. Esse pode ser o caminho inicial.

Quem está no mercado hoje já tem como saber quais são as carreiras do futuro?

Não, é muito difícil. O que nossas pesquisas mostram é que, principalmente para a geração Z, cerca de 65% das profissões a partir da próxima década, a partir de 2020, ainda não existem. São atribuições, desafios que hoje a gente

ainda nem percebe. Provavelmente a revolução e a evolução tecnológica devem trazer muito disso. De qualquer forma, o que a gente percebe é que, sejam quais forem essas profissões ou essas oportunidades do futuro, novamente o elemento-chave é o conciliar o conhecimento e a especialização técnica com toda uma capacidade, uma prontidão relacional, colaborativa, voltada à pessoas, à troca com outras áreas e com outros indivíduos. Acredito que essa questão de eles estarem também buscando uma flexibilidade no trabalho é importante, e as empresas estão sensíveis a isso.

O que as empresas estão fazendo hoje para conter essa escassez de talentos e qual é o papel das universidades na formação desses profissionais?

As empresas têm fornecido treinamento e desenvolvimento. Isso é algo muito forte, nossas pesquisas mostram que em torno de 64% das empresas dizem que estão atuando nesse sentido, principal-

mente no aspecto técnico, que elas enfrentam mais dificuldades. A academia está se ajustando a este novo movimento e percebemos essa sensibilidade para uma mudança, mas ainda tem um delay.

Esse momento de grandes transformações é crucial para quem deseja despertar para novos negócios?

Na questão do profissional, sempre vai existir uma certa insegurança. O que não pode é deixar que essa insegurança se transforme num medo, porque quando você se vê diante de uma situação desafiadora, você tem duas alternativas: pode enxergar como um grande problema ou como uma grande oportunidade. Acredito que os profissionais que adotarem essa segunda posição, de entenderem que é uma oportunidade, ainda que, em alguns momentos, vá levá-lo a ter que fazer mudanças e a ter alguns temores, pode ser uma grande chance para inclusive trazer e revelar muito do seu talento diante desse desafio.

ESTRATÉGIA PARA ATRAIR TALENTOS



A demanda por candidatos mais preparados exige contrapartida das empresas. Um dos exemplos em Joinville é da empresa ASAAS que aposta em mais integração, menos hierarquia, investimento em capacitação e outros benefícios que tornam o trabalho atrativo. Geladeira cheia à disposição dos funcionários, happy hour, vestimenta informal, sala de jogos e horários flexíveis estão na lista. “Acredito que, mais do que um negócio, somos uma comunidade; e como comunidade, a gente tem que viver bem e gostar de estar aqui, porque no final do dia o funcionário passa 60% a 70% do seu tempo no trabalho. Então criamos esse ambiente para que as pessoas estejam confortáveis. Assim, elas conseguem resolver problemas fazendo a diferença nos negócios – diz o CEO da ASAAS, Piero Contezini.

A VISÃO DE QUEM VIVE A INOVAÇÃO



“A principal diferença de cultura com relação às empresas tradicionais é a liberdade de propor ideias e de executá-las, está na liberdade de a equipe montar os seus próprios indicadores e se comprometer com os resultados. Mesmo já atuando na área há mais de dez anos, sinto hoje como se estivesse fazendo um MBA por semana.”

JOÃO MENEZES, 27, designer

“Este ambiente é muito dinâmico e as decisões tomadas no dia a dia têm uma velocidade muito grande. A diferença para o mercado tradicional está na nossa relação.

A gente tem um ambiente de muita comunicação e colaboração, tanto entre as pessoas como entre os times e também com a liderança, na definição das estratégias. Há aprendizado acelerado e oportunidade de entregar soluções que fazem a diferença na vida das pessoas.”

FERNANDO AVELAR, 31, gestor de produtos



OPORTUNIDADES PARA TODAS AS IDADES



Engana-se quem pensa que em empresa inovadora só trabalha o público jovem. De acordo com os setores de RH das companhias o que conta é o espírito jovem, independente da idade. Um dos referenciais é o diretor comercial Otávio Fontoura, que aos 60 anos deixou o trabalho nos moldes tradicionais em mais de três décadas de carreira para “surfear na onda” das startups. Uma reinvenção de carreira que hoje possibilita a troca de experiências com outras gerações. “Está sendo uma experiência enriquecedora porque estou cercado de pessoas dispostas à mudança. É um ambiente de trabalho em equipe, em que as pessoas se respeitam, têm propósitos e liberdade de falar direto com o presidente da empresa e vice-versa, e isso gera resultados positivos.”



“Nesse modelo não existe ‘dresscode’, os horários são flexíveis e as pessoas trabalham como elas se sentem bem, o que torna a equipe mais produtiva. É um ambiente mais informal, sem tanta burocracia e pressão. Então, isso acaba tornando o trabalho mais prazeroso. Esse diferencial, invariavelmente, impacta na nossa qualidade de vida e as pessoas percebem e valorizam isso e, naturalmente, elas são muito comprometidas em entregar valor para a empresa.”

FERNANDO CHAGAS, 31, diretor de tecnologia

NESTA EDIÇÃO:

LUAN MARTENDAL
Produção e reportagem
luan.martendal@
somosnsc.com.br

SALMO DUARTE
Fotografia
salmo.duarte@
somosnsc.com.br

CRISTIANO ESTRELA
Fotografia
cristiano.estrela@
somosnsc.com.br

MAIARA SANTOS
Editora de design
maiara.santos@
somosnsc.com.br

CILIANE PEREIRA
Design
ciliane.gularte@
somosnsc.com.br

BEN AMI SCOPINHO
Arte
ben.scopinho@
somosnsc.com.br

GENARA RIGOTTI
Edição
genara.rigotti@
somosnsc.com.br

CAROLINA WINTER
Produção
carolina.muller@
somosnsc.com.br

Notícias do Dia
Colombo de Souza
"Perturbação de sossego"

Perturbação de sossego / Força-tarefa / Polícia Militar / Polícia Civil / Ministério Público de Santa Catarina / Susp / Superintendência Municipal de Serviços Públicos / Bares / Rua Deputado Antônio Edu Vieira / Entorno / Universidade Federal de Santa Catarina / Marcos Alessandro Veiar Assad / Delegado da Delegacia de Jogos e Diversões

Perturbação de sossego

A força-tarefa integrada pelas polícias Civil e Militar, Ministério Público de Santa Catarina e Susp (Superintendência Municipal de Serviços Públicos) está "batendo" em estabelecimentos comerciais onde há algazarra e perturbação do sossego. Conversei com o delegado da Jogos e Diversões da Polícia Civil, Marcos Alessandro Veiar Assad, e ele informou que há muita reclamação de moradores do Campeche, Sul da Ilha; e de Ingleses, no Norte, que moram no entorno de bares com muitos frequentadores. Assad adiantou que na próxima semana a força-tarefa fará uma blitz nos locais problemáticos. Na quinta-feira (8), a fiscalização ocorreu nos bares da rua Deputado Antônio Edu Vieira, no entorno da Universidade Federal de Santa Catarina, no bairro Pantanal, onde um adolescente foi assassinado no ano passado. O delegado lembrou que na época a polícia foi para cima, interditou um bar e restringiu o horário de funcionamento dos demais para meia-noite. "Ocorreu uma trégua por mais de oito meses mas, infelizmente, a bagunça retornou", disse. O ND vem recebendo inúmeras denúncias de moradores reclamando de perturbação e sossego e de pessoas que fazem xixi nas calçadas. ●

Diário Catarinense e A Notícia
Moacir Pereira
"Esquerdismo"

Esquerdismo / UFSC / Programação / VI Congresso Sulbrasileiro de Medicina de Família e Comunidade / Associação Catarinense de Medicina de Família e Comunidade / Centro de Cultura e Eventos

ESQUERDISMO

Quem quiser conferir as críticas pesadas contra o esquerdismo nas universidades públicas que veja na UFSC a programação do VI Congresso Sulbrasileiro de Medicina de Família e Comunidade. Lá constam em destaque: Hormonização para trans e travestis, LGBTfobia e saúde, Gênero em Debate, Aborto e atenção primária. Sem contrapontos. Iniciativa da Associação Catarinense de Medicina de Família e Comunidade. Tudo com dinheiro público. E milhares de pobres esperando há meses e anos por exames e cirurgias.

DENOMINAÇÃO

A programação oficial do VI Congresso Sulbrasileiro de Medicina de Família e Comunidade informa que as atividades principais acontecem no *Auditório Marielle Franco* do Centro de Cultura e Eventos da UFSC, no coração do "campus" da Trindade. O local atende pelo nome oficial de Auditório Garapuvu. Os organizadores mudaram o nome com a conivência da Reitoria (foto).



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

10/11/18

[Professora de literatura russa reúne artigos publicados sobre o tema](#)

[Cida participa de lançamento de de livros de advogado paranaense](#)

Novo Basquete Floripa tem rodada especial com Campeonato 3x3 em Jurerê Internacional

Quem é Késia Martins da Silva, a nova primeira-dama de SC

11/11/18

Tanques, aviões e rajadas de balas: terminada há cem anos, Primeira Guerra trouxe avanço inédito de máquinas de destruição

Tanques, aviões e rajadas de balas: terminada há cem anos, Primeira Guerra trouxe avanço inédito de máquinas de destruição

Algas são o segredo japonês para a saúde, conta chef que trabalhou em Tóquio

Maurício Valeixo, Erika Marena e Rogério Galloro são cotados para chefiar a PF